
**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA AMERICANA
DO INÍCIO DO SÉCULO XX EM *THEIR EYES WERE WATCHING
GOD*, DE ZORA NEALE HURSTON**

The Representation of the American Black Woman
of the Beginning of the Twentieth Century
in *Their Eyes Were Watching God*, by Zora Neale Hurston¹

Aline Benato Soares²

Mirian Ruffini³

Mariese Ribas Stankiewicz⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo mostrar uma análise do romance *Their eyes were watching God* (1937), da escritora americana Zora Neale Hurston (1891-1960). Especificamente, no que diz respeito ao desenvolvimento identitário da personagem Janie Crawford que se deu com maior intensidade durante os períodos em que viveu com Jody Starks e, depois, com Tea Cake. Assim, julgamos que seja importante verificar alguns pontos que dizem respeito à identidade, desenvolvidos por Stuart Hall e por Homi Bhabha, tão bem quanto observar a crítica de autoras que falaram sobre a representação feminina, como Simone de Beauvoir, Sandra Gilbert e Susan Gubar. Trouxemos alguns elementos acerca da representação da mulher negra dos anos de 1920 e percebemos que a personagem Janie se depara com uma série de dificuldades e frustrações, que, sobremaneira, servem como mola de propulsão para transformar sua vida. O romance em questão representa verdadeiramente as vivências do povo negro, desde o dialeto utilizado na elaboração dos diálogos presentes no romance, até a elaboração complexa das personagens. Podemos afirmar que a obra em questão é um relato que representa a mulher negra dos anos de 1920, nos Estados Unidos e os seus desafios.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra; Identidade; Representação.

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

²Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

³Professora adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

⁴Professora adjunta e pesquisadora da área de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

ABSTRACT: This article will present an analysis of *Their Eyes Were Watching God* (1937), by American writer Zora Neale Hurston (1891-1960), specifically regarding Janie Crawford's identity development that occurred with greater intensity during the periods in which she lived with Jody Starks and then with Tea Cake. Thus, we believe that it is important to verify some points concerning identity, developed by Stuart Hall and Homi Bhabha, as well as observe the critique of authors who spoke about female representation, such as Simone de Beauvoir, Sandra Gilbert, and Susan Gubar. We address some elements about the representation of the black woman of the 1920s and we observe that the character Janie is faced with a series of difficulties and frustrations, which, above all, serve as a propulsion spring to transform her life. The novel in question truly represents the experiences of the black population, from the dialect used in the elaboration of the dialogues present in the novel, to the complex elaboration of the characters. We can say that the work in question is an account of the black woman of the 1920s in the United States and her challenges.

KEYWORDS: Black Woman; Identity; Representation.

INTRODUÇÃO

Ser mulher e ser negra em uma sociedade patriarcal dos anos de 1920 nos Estados Unidos era um desafio de sobrevivência. Depois da alforria dos escravos nos anos de 1860, o negro precisou conviver com o preconceito extremo, com a marginalidade, com a supressão de seu orgulho e com a ideia de que sua identidade sempre traduzia a dupla-consciência de sua alma, emprestando essa colocação de W. E. B. Dubois, filósofo negro inspirador do Harlem Renaissance. No entanto, para as mulheres negras, a vida se mostrava intensamente mais desestruturadora, visto que elas não tinham uma posição definida na sociedade e viviam de forma constrangedora, pois eram de certo modo dominadas por seus maridos, e humilhadas — tratadas muitas vezes como “mulas de carga”.

O romance *Their eyes were watching God* (1937), da folclorista, antropóloga e escritora americana Zora Neale Hurston (1891-1960), traduzido para o português-brasileiro como *Seus olhos viam Deus* (2002), por Marcos Santarrita,⁵ além de outros temas, trata da metáfora do desenvolvimento da mulher negra por meio do labiríntico e extenuante processo de amadurecimento de Janie Crawford, ao longo de seus quatro relacionamentos amorosos. Existe uma jornada que é, ao mesmo tempo, um

⁵ O romance recebeu uma adaptação cinematográfica no ano de 2005, sob o título *Aos Olhos de Deus*. Dirigido por Darnell Martin, o filme contou com a presença da atriz Halle Berry, que interpretou Janie Crawford. Até mesmo a apresentadora Oprah Winfrey se envolveu na produção cinematográfica.

percurso e uma metáfora, desde a expressão de sua sensualidade inocente com um namoradinho de sua adolescência até seu repentino casamento com o velho Logan Killicks, o qual abandona para fugir e se casar com o idealista Jody Starks. Após um longo período de subordinação e melancolia com Starks, Janie conhece o amor e sua liberdade feminina com o bem mais jovem Tea Cake que, ao morrer, no final da narrativa, deixa-a sozinha, mas plena em sua realização pessoal.

O romance já foi analisado sob o viés da negritude feminina por escritoras como Prasanta Kumar Padh, em “Thematic concerns in Zora Neale Hurston’s *Their eyes were watching God*” (2014); ao mesmo tempo em que fatores e características da busca pela identidade foram investigados por Zahra Mahdian Fard e Bahman Zarrinjooee, em “A quest for identity in Zora Neale Hurston’s *Their eyes were watching God*” (2014); ou da violência doméstica, por Parmis Tasharofi, em “Domestic violence in Zora Neale Hurston’s *Their eyes were watching God*: a feminist reading”. No entanto, alguns pontos sobre a questão dos relacionamentos amorosos de Janie terem influenciado sua afirmação identitária têm sido pouco abordados e estudados, assunto este que precisa de maior desenvolvimento. Em vista dessa ideia, este ensaio tem como objetivo principal analisar o desenvolvimento identitário de Janie, que ocorreu com maior intensidade durante os períodos em que viveu com Jody Starks e, depois, com Tea Cake. Assim, para desenvolver esta análise, foram verificadas algumas noções sobre identidade, desenvolvidas pelos teóricos Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, e Homi Bhabha, em *O local da cultura*. Também foi fortemente considerado o viés feminista expandido por Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, e por Sandra Gilbert e Susan Gubar, em *The madwoman in the attic*.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

De um modo geral, o romance trata da trajetória da personagem principal, Janie Crawford, em busca da afirmação de sua própria identidade. Janie possui uma forma espontânea e libertária de ver a vida. Ela sonha com uma realidade na qual possa alcançar a felicidade e satisfação plena. Todavia, esses anseios, compartilhados pela sociedade da Era do Jazz, do escritor Francis Scott Fitzgerald, por exemplo, eram pouco possíveis, uma vez que a sociedade norte-americana dos anos de 1920, em âmbito geral, não aceitava que os negros desfrutassem dos mesmos direitos que os brancos, fazendo

com que aqueles se afastassem dos grandes centros culturais, políticos e econômicos. Dessa maneira, às margens das cidades eles fundavam vilarejos, como Eatonville, a cidade onde a escritora do romance, Zora Neale Hurston, nasceu.

A fundação e desenvolvimento da cidade natal da escritora serviram como inspiração para o enredo do romance que, além do difícil crescimento do povo negro, mostra a complicada atuação da mulher negra dentro de uma comunidade patriarcal. Assim, durante o processo de amadurecimento de Janie, conhecemos a sua busca por sua árdua libertação da sociedade patriarcal e os seus anseios utópicos, com oportunidades que surgem paradoxalmente com pretendentes amorosos. Pelo título do romance, podemos sugerir que o que Janie busca é a restituição de seu mundo à imagem de Deus, no qual as pessoas possam fazer as suas próprias escolhas, sem ter que conviver com os preconceitos e julgamentos alheios.

Sua busca pela felicidade e satisfação é desenhada por meio de uma das características mais formidáveis do romance: o uso do dialeto afro-americano (desenvolvido ao longo do processo de aquisição da língua inglesa pelos escravos nos Estados Unidos), o qual mostra ao leitor a força da identidade do povo negro. Hurston mostra esse dialeto nos diálogos de *Their eyes were watching God*, enfatizando a expressão da língua como forma de identidade um povo. Todavia, sempre existe o preconceito, pois a língua falada pela burguesia sempre será considerada superior à língua falada pelas classes não-hegemônicas. É como se os brancos americanos dissessem que o povo negro nunca conseguiria falar a língua inglesa tão bem quanto eles.

Entretanto, no romance vemos que os negros americanos não se importavam por não falar o inglês da mesma forma que os brancos. O dialeto do povo negro era uma marca de sua identidade, que lhes garantia uma sensação de pertencimento, ou seja, de pertencer a um povo que possui o seu próprio idioma, e que não precisa falar da mesma forma que a burguesia branca. Sendo assim, vemos que a estratégia literária utilizada por Hurston valoriza o discurso — o dialeto oral utilizado pelos afro-americanos —, pois esse dialeto possui suas origens no passado da escravidão de seus ancestrais e na opressão sofrida por seu povo. Por isso, eles possuem orgulho do seu dialeto e não sentem o desejo de falar como os seus opressores. Desse modo, eles não são oprimidos por meio da língua, o que é um ato histórico comum à burguesia — oprimir as classes que julgam inferiores por meio da linguagem. Todavia, isso não se consolida nesse romance, pois Hurston utiliza o dialeto negro como uma marca de orgulho da identidade de seu povo.

Stuart Hall esclarece que “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2001, p. 12-13). De acordo com Hall, as transformações culturais que surgiram no século XX impulsionaram uma mudança nos indivíduos. Sendo assim, o que antes era fixo e estável foi deslocado para algo incerto, e as identidades pessoais passaram a enfrentar uma “crise”. Assim, podemos afirmar que os sujeitos assumem identidades diferentes, em momentos diferentes, não sendo unificadas ao redor de um tipo de sujeito coerente.

DIFÍCIL JORNADA EM BUSCA DE FELICIDADE E SATISFAÇÃO

A realidade da personagem Janie durante a sua infância e adolescência pode ser considerada muito difícil. Criada por sua avó, Nanny, as duas viviam em uma casa que se situava nos fundos da residência dos patrões brancos. Sua avó era uma mulher muito trabalhadora, visto que naquela época a mulher negra era explorada no trabalho doméstico e no ofício da agricultura, e vista meramente como um objeto de reprodução. Deste modo, a questão da bastardia estava sempre presente na realidade dos negros americanos.

Todavia, Nanny queria que Janie vivesse uma vida diferente daquela que ela viveu, e que não cometesse os mesmos erros que a sua mãe teria cometido em relação ao amor — tendo deixado Janie, por consequência desses erros, aos cuidados de sua avó. Era muito comum que, naquela época, os patrões brancos se deitassem com as empregadas negras, gerando assim muitos filhos bastardos. Para Nanny, ter um nome era algo muito importante, e ela desejava que Janie não viesse a gerar filhos bastardos. Além disso, desejava que ela viesse a contrair matrimônio, para que viesse a possuir um nome, proteção e segurança.

Neste romance, Hurston nos mostra que, naquela época, o casamento era visto como uma norma da sociedade e como uma forma de ascensão social. No caso de Janie, sua avó imaginava o seu casamento como uma forma de lhe conceder um nome e de lhe garantir uma boa vida: “De nigger woman is de mule uh de world so fur as Ah can see” (HURSTON, 1998, p. 16). Ao falar assim, Nanny expressa seu desejo de que o mesmo mundo que descreve nessa frase não venha a ser o mundo de Janie.

Contudo, este é um dos fatores que permeiam o romance: a mulher negra retratada como a “mula do mundo”, ou seja, aquela que segura a carga, que precisa trabalhar, cuidar dos filhos, e atender aos desejos dos patrões. Aquela que precisa se preocupar com a imagem que passa para a sociedade, reprimindo os seus próprios desejos, aquela que muitas vezes gerava filhos bastardos, destinados a reproduzir o mesmo círculo vicioso de miséria, no qual suas mães se encontravam inseridas. Por isso, o sonho de Nanny é compreensível, partindo da premissa de que os pais sempre desejam o melhor para os seus filhos. Ela orienta a sua neta, pois não quer que Janie sofra como ela sofreu.

Sendo assim, em mais um excerto do livro, encontramos a seguinte frase de Nanny: “Honey, de white man is de ruler of everything as fur as Ah been able tuh find out. Maybe it’s some place way off in de ocean where de black man is in power, but we don’t know nothin’ but what we see. (HURSTON, 1998, p. 16). A avó de Janie fala sobre a supremacia do homem branco, que governa tudo até o ponto que pode compreender. Os negros acabavam submetendo-se aos brancos, pois eram os brancos que estavam no poder. Então, para Nanny, a mulher negra continuaria sendo a “mula do mundo”, enquanto os brancos governassem. Somente quando os negros chegassem ao poder isso poderia mudar.

Entretanto, Nanny não sabia que era preciso muito mais do que colocar os negros no poder para que a mulher negra pudesse ter uma vida diferente. O preconceito não existia somente em relação aos negros, mas também em relação às mulheres (em geral), e mais duramente, em relação às mulheres negras. Por isso, o que as negras teriam que combater seria muito mais do que o preconceito racial existente no solo americano. Elas teriam de combater, também, o preconceito relacionado ao seu gênero, que existia por parte dos próprios negros e da sociedade em geral em relação à mulher negra.

Desde cedo, a avó de Janie a ensinou como se portar como uma dama. Além de descobrir como uma mulher deveria se comportar, Janie descobriu algo ainda mais profundo: existiam normas em relação às mulheres em geral, mas existiam normas mais específicas ainda em relação ao comportamento das mulheres negras. Como afirma Simone de Beauvoir, existem muitas questões que implicam na formação de uma dama, sendo que “ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo” (1980, p. 23). As mulheres negras criadas dentro dos redutos negros, como em

Eatonville, também teriam de obedecer ao padrão de construção do gênero feminino, além de servirem como criadas de seus maridos e parideiras.

Em *Seus olhos viam Deus*, sentimos uma ânsia pela liberdade, um anseio pela realização dos desejos femininos, pelo desenvolvimento completo da mulher. Quando Janie começa a nos contar a sua história, nos deparamos com a seguinte frase cerceadora, dita pelas vozes da sociedade do vilarejo de Janie, preconceito que fica evidente na tradução brasileira do romance: “O que é aquela mulher de quarenta anos deixando o cabelo cair pelas costas como uma menina?” (HURSTON, 2005, p. 2). Essa fala foi direcionada para a própria Janie que, aos quarenta anos, decidiu deixar seus cabelos soltos, diferente da norma imposta pela sociedade, que dizia que uma mulher madura deveria utilizar o seu cabelo preso, não solto como o das jovens. Ainda de acordo com Beauvoir:

Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras ‘bonita’ e ‘feia’; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser ‘bonita como uma imagem’; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (BEAUVOIR, 1980, p. 20).

Desde cedo, Janie descobriu que era bonita, e que isso era algo importante para a sociedade. Por meio de censuras, gestos e palavras, ela descobriu que era importante estar arrumada, para agradar aos outros. Entretanto, Janie sabia da sua condição social, pois afirmava que os padrões de sua avó pintavam tudo de preto, para colocá-la em seu “devido lugar”. Desse modo, percebemos que a mulher negra sofria um preconceito duplo: primeiramente por ser mulher, e depois por ser negra.

Podemos afirmar que a ordem patriarcal presente no romance é quase como uma identidade cultural. Rita Schmidt afirma que:

[e]la é concebida e produzida dentro de um contexto cultural e, nessa medida, corresponde a certas necessidades de representação do mundo que são articuladas e atreladas aos rituais e símbolos da prática social ou, aos conceitos vigentes sobre o objeto referencial. (SCHMIDT, 1988, p. 120).

O patriarcalismo evidencia-se pela opressão social sofrida pela mulher negra, bem como pelos julgamentos impostos pela sociedade em relação ao comportamento da mulher. Esse preconceito origina-se porque provavelmente o homem se sente em uma posição superior àquela concedida à mulher, por uma questão genética:

A diferença sexual é antes de mais nada a diferença entre a mulher e o homem, o feminino e o masculino; e mesmo os conceitos mais abstratos de ‘diferenças sexuais’ derivados não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos, acabam, sendo em última análise, uma diferença da mulher em relação ao homem. (LANSER, 1992, p. 27)

Por meio dos diálogos existentes nesse livro, percebemos a existência do preconceito em relação à mulher na sociedade na qual Janie estava inserida. No romance, a mulher era tida como um ser inferior, dependente da figura masculina. Esses fatores denunciam uma sociedade patriarcal, na qual a mulher não é vista como um igual, mas como aquele indivíduo a quem falta algo. Como afirmam Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000), porque a mulher não possui um falo, órgão genital masculino, os homens a visualizam como alguém a quem falta algo.

Janie não possui uma identidade fixa. A vida da personagem é uma busca constante por consolidar sua identidade na sociedade patriarcal do começo do século XX, que a obriga a seguir os padrões estabelecidos para as mulheres e, principalmente, para a mulher negra. Hall (1997, p. 116) afirma que “todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e tempo particulares, desde uma história e uma cultura que são específicas”. A escritora viveu na cidade que ela descreve em seu livro — Eatonville. A cidade foi fundada por seus ancestrais, que tinham o sonho de construir um local no qual os negros pudessem estar livres do julgo dos homens brancos.

No entanto, ao longo da trama, percebemos que a igualdade existia de homem negro para homem negro, mas não para mulheres negras. Estas permaneciam sendo julgadas pelas suas ações, pelas suas roupas e pelo seu cabelo. Ainda exigia-se das mulheres a submissão em relação ao homem. Vemos isso no relacionamento de Janie com o seu segundo marido, Jody Starks, que tinha ideais de igualdade para o povo negro, mas que não incluía as mulheres negras nesses ideais efetivamente, pois não a deixava falar em público, conversar com os moradores da cidade ou fazer o que gostava.

Deste modo, na configuração de sua identidade, observamos que em seu primeiro casamento, com Logan Killicks, ocorre, por parte de Janie, uma aceitação da identidade imposta sobre ela, ao aceitar a realização de um enlace com um homem mais velho que iria sustentá-la, e que seria capaz de “protegê-la” do mundo. Nanny sugere que Janie se case com um homem que “dê” a ela um nome:

You come heah wid yo’ mouf full uh foolishness on uh busy day. Heah you got uh prop tuh lean on all yo’ bawn days, and big protection, and everybody got tuh tip dey hat tuh you and call you Mis’ Killicks, and you come worryin’ me ’bout love. (HURSTON, 1998, p. 18).

Sendo assim, Janie, aos quatorze anos, aceita se casar com Killicks, como sugere a sua avó. Entretanto, o que a avó dela não sabia é que esse casamento seria uma forma de a personagem descobrir o que não queria para a sua vida. E é neste ponto que se inicia uma mudança na identidade de Janie, pois ela começa a viver as próprias experiências, e decide romper com o que é supostamente esperado de seu comportamento.

Ao abandonar o seu primeiro marido e fugir com Jody Starks, Janie realiza um ato de rebeldia, que muda o seu destino para sempre. Ela poderia ter ficado com Killicks, a quem ela não amava, e que lhe obrigaria a trabalhar duro e o servir para o resto de sua vida. Entretanto, ao fugir com Starks, a jovem toma as rédeas de seu próprio futuro, rompendo com as normas impostas pela sociedade. De acordo com Hall:

O que denominamos ‘nossas identidades’ poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos ‘viver’, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997, p. 26).

Janie se apaixona por Jody Starks, pelas suas belas roupas e por seus ideais. Ele funda a tão sonhada cidade do povo negro, Eatonville, e a

jovem pensa que se Nanny pudesse vê-la naquela condição, ao lado de Starks, ficaria orgulhosa de sua neta. Entretanto, com o passar dos anos, os sonhos e ideais de Jody desaparecem. Ele sonhava em viajar, em conhecer o mundo, e isso encantava Janie, pois ela tinha uma alma livre e não queria permanecer no mesmo lugar para sempre. No entanto, Starks se nomeia prefeito da cidade, monta uma venda e faz dinheiro em Eatonville. Sendo assim, ele decide ficar lá para sempre. Janie nunca engravida e, portanto, eles não têm filhos. O amor desaparece da vida do casal, bem como os risos desaparecem da vida de Janie.

Starks queria que Janie assumisse o posto de mulher angelical, que fosse submissa, como a esposa de um prefeito deveria ser. Todavia, o que ele não sabia é que o anjo administra e até manipula seu espaço. De acordo com Gilbert e Gubar (2000, p. 26) o fato de a mulher-anjo manipular sua esfera doméstica, de forma a assegurar o bem-estar daqueles confiados aos seus cuidados, revela que ela tem a capacidade de manipular, de tecer — histórias, bem como estratégias.

Então, mesmo dentro da esfera doméstica, a mulher “angelical” pode tecer seus planos e manipular seu destino. Por um tempo, a personagem torna-se a mulher-anjo, mas, antes de ser um “anjo”, ela é uma mulher, um ser pensante, que tem seus próprios sonhos e objetivos. Em meio a toda essa repressão, surge uma mulher forte, que é capaz de decidir o seu próprio futuro. Starks agredia Janie, reprimia seus instintos, decidia de que forma ela deveria se vestir, impedia-a de se divertir e, às vezes, até mesmo a impedia de falar. Jody queria que ela fosse uma serva, obediente e resignada a cumprir suas obrigações matrimoniais e sociais, e então:

The years took all the fight out of Janie’s face. For a while she thought it was gone from her soul. No matter what Jody did, she said nothing. She had learned how to talk some and leave some. She was a rut in the road. Plenty of life beneath the surface but it was kept beaten down by the wheels. Sometimes she stuck out into the future, imagining her life different from what it was. But mostly she lived between her hat and her heels, with her emotional disturbances like shade patterns in the woods—come and gone with the sun. (HURSTON, 1998, p. 34).

Depois de tanto embate, de lutar pela vida que sonhava em ter, Janie se cansa e restringe-se, por um tempo, à esfera familiar, a fazer o que Starks lhe pedia, pois não era mais jovem — e, como ele afirmava: quem iria querê-la? Se Janie não serviu nem mesmo para lhe dar um herdeiro. As palavras de Starks a feriram e ela aceitou por um longo tempo as condições opressoras da realidade presente. Entretanto, essas condições não conseguiram apagar os seus desejos de uma realização plena feminina. Mesmo reprimida, Janie não deixou de sonhar com uma vida diferente.

As mudanças na identidade da personagem acontecem quando Jody Starks morre: “She did not reach outside for anything, nor did the things of death reach inside to disturb her calm. She sent her face to Jody’s funeral, and herself went rollicking with the springtime across the world” (HURSTON, 1998, p. 38). A mulher-monstro seria, como definem Gilbert e Gubar, uma espécie de imagem angélica antiteticamente refletida (2000, p. 28). Sem um marido a quem “obedecer”, a sociedade buscava arranjar-lhe um marido. Tea Cake não serviria, pois além da diferença de idade, ele não a “controlava”. Como poderia uma mulher de quarenta anos ficar sozinha, sem ninguém a quem se submeter? Janie ficou rica e independente, após a morte de Jody Starks.

Dessa forma, configurava-se como a mulher-monstro para a sociedade. Na verdade, com afirmam Gilbert e Gubar, o monstro não deve somente ficar oculto atrás do anjo, mas sim habitar o interior (ou a metade mais inferior) deste (2000, p. 29). O que a sociedade não sabia é que esse “monstro” sempre existiu no interior de Janie, e agora ela poderia colocá-lo para fora, de forma a viver sua vida como sempre sonhou. Janie escolheu Tea Cake, apaixonou-se por ele, e algumas pessoas diziam que ele iria tirar todo o dinheiro dela, deixando-a sem estrutura econômica ou emocional. Entretanto, Tea Cake provou não querer seu dinheiro e a levou com ele para Everglades.

De acordo com Hall, as culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade, descobertas na modernidade tardia. Em suma, a modernidade pressupõe que o apego ao local e ao pessoal dará lugar a identidades que não se resumam mais ao étnico e ao nacional, mas sim a identidades universalistas e internacionais, que identificam o sujeito. Ao viver em Everglades, Janie passa a ter uma cultura híbrida, pois sai do lugar onde morou por anos, e se depara com algo novo e libertador:

To Janie’s strange eyes, everything in the Everglades was big and new. Big Lake Okechobee, big beans, big cane, big weeds,

big everything. Weeds that did well to grow waist high up the state were eight and often ten feet tall down there. Ground so rich that everything went wild. Volunteer cane just taking the place. Dirt roads so rich and black that a half mile of it would have fertilized a Kansas wheat field. Wild cane on either side of the road hiding the rest of the world. People wild too. (HURSTON, 1998, p. 50).

Ali, a personagem vivenciou a concretização de seus sonhos. Everglades era um lugar no qual ela conseguiria ser ela mesma. A partir de então, Janie desabrochou, pois participava das conversas, ouvia e até mesmo ria com seus novos amigos. Enfim, ela encontrou em Everglades um lugar no qual poderia ser livre, sem que ninguém a reprimisse, ou ordenasse que modificasse o seu comportamento.

A sociedade de Everglades era um lugar no qual Janie poderia ser ela mesma. A vida em Everglades e a sua paixão por Tea Cake fazem com que ocorra mais uma mudança, em sua identidade: “He drifted off into sleep and Janie looked down on him and felt a self-crushing love. So her soul crawled out from its hiding place.” (HURSTON, 1998, p. 50). Então a personagem se arrastou para fora de sua cápsula, deixando uma vida de aparências para expressar sua própria identidade. Enfim, tornou-se uma mulher livre de julgamentos e convenções sociais, que até então a deixavam presa em si mesma, acorrentada pelas imposições de uma sociedade puramente patriarcal. Mesmo que o povo de Eatonville a designasse como a “mulher-monstro”, ela não se importava, pois estava verdadeiramente feliz.

Outro fator relevante para a nossa análise é a questão da mímica realizada pelo povo “colonizado”. No romance, podemos vislumbrar os efeitos da “colonização” e as suas consequências na vivência da população negra, pois de certa forma, o povo negro foi colonizado pelo povo branco nos Estados Unidos, principalmente na época da segregação racial nos anos de 1865. Como os pais da autora viveram nesse período, vemos que ela relata muito do que ouviu de seus ancestrais. No entanto, mesmo expressando a memória negra, Hurston também mostra a mímica do negro em relação ao branco em muitos pontos do romance, fato este que foi menosprezado por muitos escritores de sua época, especialmente por Langston Hughes.

Para Bhabha a mímica constitui-se em uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder colonial, pois se mostra ao Outro como fonte de inspiração para a imitação, a cópia e conseqüentemente para a relativização

da cultura subalterna: “O desejo de mímica colonial — um desejo interdito — pode não ter um objeto, mas tem objetivos estratégicos que chamarei de metonímia da presença” (BHABHA, 1998, p. 134).

Jody Starks insiste que Janie utilize roupas que eram utilizadas e desenhadas por pessoas brancas, diferentes daquelas utilizadas pelos negros. Jody comprou para a sua esposa roupas de seda e de lã: “So they were married there before sundown, just like Jody had said. With new clothes of silk and wool.” (HURSTON, 1998, p. 21). Já no velório de Tea Cake, Janie não quis usar roupas caras, ou se vestir de preto. A personagem permaneceu de macacão, o que nos mostra a consolidação da sua identidade, pois a partir desse momento, ela não precisava mais de roupas para demonstrar o que estava sentindo, ou de roupas caras para impor respeito: “No expensive veils and robes for Janie this time. She went on in her overalls. She was too busy feeling grief to dress like grief.” (HURSTON, 1998, p. 68).

Ainda de acordo com Bhabha (1998, p. 130): “[a] mímica é assim o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do Outro ao vislumbrar o poder”. Em uma das primeiras descrições que temos de Jody Starks, a escritora enfatiza suas roupas diferentes e deslumbrantes:

It was a cityfied, stylish dressed man with his hat set at an angle that didn't belong in these parts. His coat was over his arm, but he didn't need it to represent his clothes. The shirt with the silk sleeve holders was dazzling enough for the world. (HURSTON, 1998, p. 19).

As roupas desenhadas pelos brancos tinham o intuito de impor poder, por essa razão, Starks queria que Janie as usasse. No início, a personagem se deslumbra com a riqueza e com as roupas de seda de seu marido. Entretanto, depois que a sua identidade fragmentada se consolida, ela prefere permanecer de macacão, sem roupas caras para que os outros vislumbrem o poder. Janie não precisava mais de poder, de cargos na sociedade, finalmente ela não precisava mais camuflar as suas verdadeiras emoções, nem manter um tipo de postura.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que ao final do romance a personagem Janie encontra a si mesma, e a sua identidade se consolida. A personagem descobre o que é viver a vida como ela realmente deseja e descobre o amor. O amor de

Tea Cake a transformou. Por fim, a personagem reconhece que não conseguiu permanecer em seu mundo ilusório, mas percebe que se arriscou e foi recompensada no fim dessa jornada. Como ela mesma afirma: “Two things everybody’s got tuh do fuh theyselves. They got tuh go tuh God, and they got tuh find out about livin’ fuh theyselves.” (HURSTON, 1998, p. 68). Janie conclui que foi até o horizonte e voltou. Desse modo, agora pode sentar-se em sua casa, mais especificamente, em sua varanda, e viver com as comparações.

Por fim, podemos inferir que a obra de Hurston aponta questionamentos que, mesmo passados séculos, mantêm-se atuais por reavivarem a constante necessidade da luta pela extinção de velhos conceitos, preconceitos e intolerâncias sociais. Percebemos ainda, que os estudos sobre a literatura de autoria negra, especialmente sobre a história da mulher negra, são ímpares no entendimento da busca pela afirmação identitária do povo negro, bem como para a compreensão do papel da mulher negra no século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FARD, Zahra Mahdian; ZARRINJOEE, Bahman. A quest for identity in Zora Neal Hurston’s *Their eyes were watching God*. *International Journal of Literature and Arts*, s/d, v. 2, n. 4, p. 92-97, jun. 2014.

GILBERT, S. M.; GUBAR, S. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven; London: Yale University Press, 2000.

HURSTON, Z. N. *Their eyes were watching God*. New York: Harper Perennial Classics, 1998.

HURSTON, Z. N. *Seus olhos viam Deus*. Tradução de Marcos Santarrita. São

Paulo: Record, 2005.

HALL, Stuart. Cultural studies: two paradigms. In: STOREY, John (Org.). *What is Cultural Studies? A Reader*. London: Arnold, 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LANSER, Susan S. *Fictions of authority: women writers and narrative voice*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

PADHI, Prasanta Kumar. Thematic concerns in Zora Neale Hurston's *Their eyes were watching God*. In: *Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS)*, v. 19, n. 9, p. 48-52, set. 2014.

SCHMIDT, Rita T. Mulher e Literatura. In: SCHÜLER, Donald et al. (Org.). *Mulher em prosa e verso*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 117-145.

TASHAROFI, Parmis. Domestic violence in Zora Neale Hurston's *Their eyes were watching God*: a feminist reading. In: *International Journal of Applied Linguistics & English Literature*, v. 3, n. 4, jul. 2014.

Data de recebimento: 29 dez 2018

Data de aprovação: 10 maio 2019